**coronavírus em equinos**

**Josiane da Silva Pereira1\*, Gabriela Mendes Ferreira1, Leonardo Costa Tavares Coelho2 e Guilherme Guerra Alves2**

*1Graduando em Medicina Veterinária – Una Bom Despacho – Bom despacho/MG – Brasil- \*Contato: silvajosiane643@gmail.com*

*2Professor de Medicina Veterinária – Una Bom Despacho – Bom Despacho/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A Corona vírus equino (ECoV), é considerado um vírus contagioso predominante em cavalos adultos descoberto em meados do ano de dois mil e dez na Europa, Estados Unidos e Japão, onde aconteceram os primeiros surtos da doença4.

Portanto, o trabalho tem como objetivo evidenciar o ECoV (corona vírus equino), bem como a sua etiologia, epidemiologia, patogenia, diagnóstico, tratamento e prevenção da doença, levando em consideração se existe algum envolvimento de infecção passada a humanos através desses animais.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Foram realizadas buscas e consultas a artigos e revistas científicas, nas plataformas do Gloogle acadêmico, revistas veterinárias on-line, Pubmed, e artigos científicos pela plataforma da ScieLO, sobre o assunto abordado.

As palavras-chave utilizadas para pesquisa foram: corona vírus, equinos, corona vírus equino, .

**REVISÃO DE LITERATURA**

O corona vírus faz parte da família Coronavidae e são denominados vírus de RNA envelopados, fita simples, de sentido positivo não segmentados que podem desencadear doenças entéricas, respiratórias, hepáticas e neurológicas em várias espécies de mamíferos e algumas aves4. O vírus ainda é dividido em duas subfamílias (*Torovirinae e Coronavinae),* onde a última classe é dividida em quatro gêneros de acordo com a sua reatividade e genética, que são eles: (*Alphacoronavírus,* *Betacoronavírus, Deltacoronavírus e Gammacoronavírus)*11*.* O corona vírus equino, que é chamado de (ECoV), é pertencente a classe dos *Betacoronavírus* juntamente com outros tipos de corona inclusive o humano12.

O corona vírus equino é um vírus altamente contagioso, porém sem relatos de que é passado para humanos.

O vírus é considerado entérico e com predominância de manifestação clínica em cavalos jovens e adultos em diferentes idades. Geralmente animais destinados a trabalhos em fazendas ou esportes como corridas, e shows, são mais acometidos devido a jornada de trabalho e contato com outros animais. A infecção em potros com menos de 1 ano de idade e cavalos reprodutores ocorre em menor incidência7. Acredita-se que, animais em miniaturas são sensíveis a doença podendo possuir uma letalidade alta diante de um surto2. A infecção em potros está associada a uma coinfecção com outros patógenos gastrointestinais como por exemplo a *Clostridium Perfringens*9*.*

Sua maior incidência ocorre em meses mais frios do ano (outubro a abril), devido as temperaturas mais baixas que favorece a sobrevivência do vírus2. O seu período de incubação é curto, em torno de 2 a 3 dias, com desenvolvimento entre 48 a 72h após a exposição do patógeno e duração de alguns dias a uma semana no animal com manifestações clínicas.

O corona vírus equino é caracterizado como uma doença sazonal semelhante ao corona vírus bovino (BCoV) devido a sua maior infestação ser em meses mais frios do ano2,3

A transmissão do vírus se dá por meio da rota fecal-oral em seu natural e em transmissão naso-esofágica em contato com fezes dos animais infectados com a doença em experimentos realizados em alguns animais3. A eliminação fecal varia entre 3 a 25 dias e ainda não se sabe por quanto tempo o vírus pode ficar no meio ambiente como fonte de infecção3 .

A morbidade do ECoV em rebanhos infectados é variável e as taxas de mortalidade são relativamente baixas2.

Os sinais clínicos da doença ainda não são bem definidos, mas animais infectados durante a avaliação clínica apresentaram em sua maioria sinais comuns como, febre entre 38,6 á 41°C, anorexia, letargia, pirexia, cólica, mudanças no aspecto fecal desencadeando consistência mole a aquosa e diarreia2,4. Em casos mais graves da doença foi possível observar sinais mais agressivos como, impactação do cólon, colite, enterite, sinais de encefalopatias como apoiar de cabeça, ataxia, déficits proprioceptivos, nistagmo, decúbito, convulsões e hiperamonemia grave, causada pelo aumento da produção e absorção de amônia no TGI devido a quebra da barreira gastrointestinal5,8.

Sinais clínicos respiratórios não são muito evidentes devido a predileção do vírus ser de forma entérica2,4. Vale lembrar que os animais também podem ser assintomáticos e disseminar a doença para outros animais mais predispostos sem demostrar nenhum sinal clínico6.

O diagnóstico da doença é feito através da avaliação como um todo do animal e os sinais clínicos compatíveis que ele apresenta. Ainda são realizados exames complementares como: hematológicos que é possível observar uma neutrofilia, leucopenia, e linfopenia relacionados a infecção viral, elevação de bilirrubina total e indireta devido a anorexia parcial ou completa, e exames de qPCR, que é o exame fecal quantitativo de ECoV presente nas fezes dos animais infectados3,8. Em alguns casos foram realizados também ultrassonografias abdominais sem achados significativos e exames retal que indicou escassez de fezes3. A doença é considera como autolimitante, onde, alguns animais se curam sozinhos8. Em outros casos onde os sinais clínicos persistem por mais de 24 horas, o tratamento consiste na administração de anti-inflamatórios não esteroidais (AINE), em estado normal de hidratação, e em casos mais intensivos da doença é preciso fazer fluídos parenterais, entéricos e eletrólitos por intubação nasogástrica ou por via IV(intravenosa) até resolução dos sinais clínicos3,8.

A prevenção da doença consiste na biosseguridade do ambiente em que os animais vivem e seu manejo que possibilitam a redução do ECoV. Qualquer animal que apresente algum sinal clínico característico, deve ser isolado até que o diagnóstico laboratorial seja feito7. Testes de pós-infecção devem ser realizados para segurança de outros cavalos não infectados7.

Animais recém chegados devem passar por um período de isolamento de 3 semanas ou até apresentar algum sinal clínico7. Nas instalações, o uso de escalda pés e equipamentos individuais devem ser utilizados para fins sanitários. O manejo dos animais infectados deve ser feito por último na rotina diária e os cavalos infectados devem ser treinados quando não tiver outros animais em treinamento7. Os equipamentos utilizados tanto no animal como no cavaleiro devem ser desinfectados e limpos antes da utilização em outros animais. Os meios de transportes também devem ser bem limpos e desinfetados para uso em outros animais, pois os desinfetantes inativam o ECoV7.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que a o corona vírus equino é de predileção entérica mais frequente em animais adultos e possui grande disseminação. Segundo os relatos apresentados não possui nenhuma ligação com COVID-19 não sendo fonte de infecção e transmissão para os humanos. Medidas sanitárias devem ser sempre mantidas em locais em que se encontra algum animal infectado, para diminuição e proteção de animais saudáveis.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

****